

## Construções discursivas e visuais em torno da identidade roraimense

## Construcciones discursivas y visuales alrededor de la identidad roraimense

## Discursive and visual constructions around the roraimense identity

Recebido em 24-04-2015  
Aceito para publicação em 10-05-2015

Cristiane Bade Favreto<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo problematiza a construção discursiva e visual em torno da identidade roraimense, tendo como enfoque o apagamento das tradições indígenas. As fontes, portanto, que nortearam esta pesquisa são materiais sobre o patrimônio cultural, monumentos, registros fotográficos e fontes de imprensa. A metodologia empregada foi a Análise do Discurso, por meio de referências que se debruçam sobre a compreensão do fenômeno ideológico. No texto apresentamos as construções discursivas, apoiadas na “negação” da identidade cultural associada à identidade indígena. O estudo sobre o patrimônio cultural nessa região possibilita a ampliação das discussões e reflexões sobre a arte e a cultura no Estado, bem como promove a sensibilização, identificação, proteção e promoção do patrimônio.

**Palavras-chave:** identidade; memória; patrimônio cultural; discurso.

**Resumen:** El artículo aborda la construcción discursiva y visual en torno a la identidad de Roraima, centrándose el borrado de las tradiciones indígenas. Las fuentes, por lo que guiado esta investigación son materiales sobre el patrimonio cultural, monumentos, registros fotográficos y las fuentes de los

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professora assistente do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Boa Vista, Brasil. E-mail: [cristiane.bade@ufr.br](mailto:cristiane.bade@ufr.br)

medios de comunicación. La metodología utilizada fue el análisis del discurso, a través de las referencias que se centran en la comprensión del fenómeno ideológico. En el texto se presentan las construcciones discursivas, con el apoyo de la "negación" de la identidad cultural asociado a la identidad indígena. El estudio sobre el patrimonio cultural de esta región permite la expansión de las discusiones y reflexiones sobre el arte y la cultura en el estado, así como a aumentar conciencia, la identificación, la protección y promoción del patrimonio.

**Palabras clave:** identidad; memoria; patrimonio cultural; discurso.

**Abstract:** The article discusses the discursive and visual construction around the Roraima identity, focusing erasure of indigenous traditions. The sources, so that guided this research are materials on cultural heritage, monuments, photographic records and sources of media. The methodology used was the analysis of Speech, through references that focus on understanding the ideological phenomenon. In the text we present the discursive constructions, supported the "denial" of cultural identity associated with indigenous identity. The study on the cultural heritage in this region enables the expansion of the discussions and reflections on art and culture in the state, as well as raise awareness, identification, protection and promotion of heritage.

**Keywords:** identity; memory; cultural heritage; speech.

## 1. Introdução

Em Roraima, a negação e o preconceito à identidade indígena são práticas constantes, que ganham força em diversos veículos de comunicação e informação. Considerando esse cenário, buscamos neste texto analisar os discursos que reforçam o preconceito na região. Além disso, procuramos mostrar como esses sujeitos são raramente situados nos monumentos do Estado.

Entender como se dá a criação do imaginário social em referência ao patrimônio cultural também é uma das propostas de discussão desse texto. Para tanto, a investigação das disputas ideológicas no campo do patrimônio cultural será fundamental para entendermos essas questões. Nossa abordagem, no entanto, exige algumas discussões que permeiam a arte e o patrimônio cultural, pois estes campos evocam memórias conflituosas em torno da temática em questão.

Este artigo está estruturado em três secções. Na primeira parte fizemos uma discussão em torno da multiplicidade de culturas existentes em Roraima. Essa discussão é fundamental, pois a partir dela entendemos as formações identitárias do Estado.

Na seção 'Intensificam-se os preconceitos ao indígena', buscamos apresentar como alguns meios difusores de comunicação e informação vêm reafirmando o preconceito com a identidade indígena.

Em 'Os indígenas nos monumentos: disputas em torno da memória', buscamos destacar e analisar alguns monumentos, pois, ao serem destituídos de seu invólucro ideológico, perpetuam um passado constituído por coronéis e relega a um segundo plano a cultura indígena.

As análises sobre a identidade e patrimônio cultural em Roraima, deste modo, são de extrema importância, pois permitem compreender as práticas culturais e as relações de poder que envolvem as disputas por uma identidade/memória local. Além disso, parafraseando Sandra Pelegrini (2007), acreditamos que o patrimônio cultural é o lugar onde as memórias e identidades adquirem expressividade. São esses, portanto, os temas que procuraremos discutir no presente texto.

## **2. Roraima: um Estado de múltiplas culturas**

O Estado de Roraima, antes mesmo da ocupação europeia do final do século XVIII, era povoado por diversas etnias indígenas que possuíam uma estrutura social consolidadas. Após esse período, foi sendo ocupada por diversos colonos e posseiros de diferentes regiões.

A sociedade roraimense, desse modo, é constituída por uma significativa diversidade cultural, resultante da existência de diversas etnias indígenas na região e de diferentes

ocupações, como podemos observar nos estudos de Isolda Maciel Silveira, Marcelo Gatti (1988) e Carla Monteiro de Souza (2001).

O Estado de Roraima conta hoje com um percentual significativo de reservas indígenas, totalizando cerca de 104.018,00 km<sup>2</sup>, representando 46,37% da área do Estado<sup>2</sup>. Além de um expressivo percentual de reservas, Roraima conta com um elevado número de população indígena, chegando a 13% da população do Estado, segundo Marcos Antonio Braga de Freitas (2011). Como podemos observar grande parte da população é indígena. Contudo, o que constatamos em diversos veículos de comunicação e informação é um grande preconceito com tais sujeitos e a negação de sua identidade.

Existem ricas tradições indígenas, oriundas de diversas etnias existentes na região, que raramente são situadas na historiografia local e nacional. Em geral, os livros e pesquisas situam essa região da Amazônia no século XVIII, momento em que os portugueses penetraram no Rio Branco procurando o 'Eldorado'<sup>3</sup>.

A historiografia começa a tratar desse Estado com maior ênfase a partir de 1988, quando ele deixa de ser território da União e passa ser oficialmente um Estado federativo. Mas essa historiografia tem como foco os processos migratórios e o *boom* no garimpo, deixando de lado as significativas culturas indígenas.

A formação identitária do estado também é formada pelo extensivo fluxo migratório oriundo da década de 70. Os fluxos migratórios para o Estado, desde a década de 70, marcaram muito a história local, pois nesse contexto, várias famílias se estabeleceram na região, em especial, na década de 80, período do *boom* no garimpo.

---

<sup>2</sup> Cf.: <http://www.rr.gov.br>

<sup>3</sup> Para uma leitura do tema cf. OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima**. São Paulo. Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 2003. Tese de doutorado.

Os constantes fluxos migratórios, oriundos do *boom* no garimpo e das 'políticas paternalistas'<sup>4</sup>, atraíram para a região uma significativa população de nordestinos a partir da década de 70.

O estado de Roraima também é constituído por um número expressivo de pessoas de origem sulista, devido à existência de um forte processo migratório do sul para o norte, impulsionado pela modernização da região, como podemos observar no estudo de Carla Monteiro de Souza "(...) Roraima nos anos setenta e oitenta se configurou como uma frente de expansão promissora – e ainda nos dias de hoje é uma região subpovoada –, pode-se afirmar que houve e há expressiva participação gaúcha na composição da sociedade roraimense (...)" (Souza, 2001, p.92).

Diante desse novo cenário, várias famílias buscaram fortalecer o seu poderio econômico na região. Com a intensificação populacional e econômica, surgem novos líderes políticos. Os novos governantes, por sua vez, intensificaram suas posturas políticas, a partir da década de 70, com doações de terras da União e aberturas de rodovias na região.

Com as novas lideranças políticas na região, as disputas políticas intensificam-se. A fim de manter sua condição hegemônica *de* poder econômico e político no Estado, diferentes grupos disputam em torno do espaço de memória. Para entendermos como se (re)produz a memória, no caso patrimonial, destacamos o estudo de João Carlos Tedesco:

Entendemos ser a memória patrimonial uma construção social, da qual se disputam seus enunciados discursivos, sua atribuição de valor, suas práticas, que assegurem sua preservação e inviolabilidade. Existe um campo de disputas por significados e pela legitimação e hegemonia do mesmo inserido num campo entre classes, etnias e grupos em luta material e simbólica (TEDESCO, 2004, p.75-6).

---

<sup>4</sup> Para melhores esclarecimentos sobre o período de migração mencionado cf. SILVEIRA, Isolda Maciel; GATTI, Marcelo. **Notas sobre a ocupação de Roraima, migração e colonização**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, v. 4, n. 1, p. 43-66, jul.1988.

Nesse novo cenário de disputa discursiva e visual, a cultura e identidade indígena passam a ser vítimas de preconceitos, quando por vezes é secundarizada na produção artística local, como veremos mais adiante.

### 3. Intensificam-se os preconceitos ao indígena

O preconceito e a negação da identidade indígena são constantemente evidenciados em pesquisas<sup>5</sup> locais. Mas não observamos nesses estudos, uma maior preocupação em analisar os meios que reforçam esse preconceito. Diante desse problema, buscamos analisar nessa seção, como os discursos ora criam, ora fortalecem o preconceito ao indígena e as suas tradições.

Um dos meios difusores de informação, que constantemente estimula os preconceitos, são os meios de comunicação de imprensa. As raras vezes em que esses veículos de informação se reportam aos indígenas, são em episódios de violência, como é o caso da reportagem a seguir:

Durante a segunda noite de folia, conforme a PM, houve apenas um início de tumulto na avenida, que foi contido rapidamente; o caso de uma jovem que passou mal por ingerir muita bebida alcoólica, mas foi levada ao hospital pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) e um indígena que foi encaminhado à Casa de Saúde do Índio (Casai), após agredir uma menina (OLIVEIRA, 2014, p. 01).

Diante do exposto, é possível perceber que a reportagem busca sensacionalizar a figura do indígena, com matérias de cunho identitário e não pessoal, buscando chocar a sociedade e enfatizando um caso isolado de agressão.

---

<sup>5</sup> Uma das pesquisas acadêmicas que discutiu sobre o preconceito ao indígena no município de Boa Vista/RR, foi a de Priscila Delarmelina Salvat Cipriano. No trabalho, Priscila discute sobre o forte preconceito étnico para com os indígenas locais. Para melhores esclarecimentos sobre essa discussão, cf.: CIPRIANO, Priscila Delarmelina Salvat. ***O preconceito étnico no processo de formação identitário do indígena urbano de Boa***

Nesse caso, percebemos como a palavra “é um fenômeno ideológico por excelência” (Bakhtin, 2006, p.34) e transita entre os sistemas ideológicos. De acordo com Bakhtin, ela preenche a função ideológica:

Mas a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo *neutro*. Cada um dos demais sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica. Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa (BAKHTIN, 2006, p. 35).

Outra reportagem, intitulada “Índigenas dormem em frente a bar no bairro São Vicente”, publicada na Folha Web (jornal de Boa Vista), busca fomentar o preconceito à figura do indígena. Na reportagem, o jornalista busca denegrir a imagem desses sujeitos, associando-os a desordeiros:

Em um bar localizado no bairro São Vicente, zona Oeste, na avenida Benjamin Constant, próximo à Cadeia Pública, a Folha flagrou duas pessoas com traços indígenas dormindo no chão. Um estava deitado no meio-fio e outro na porta do estabelecimento. O local já é bem conhecido pelos moradores da região por ser ponto de encontro de indígenas e também de usuários de drogas (FOLHA WEB, 13/01/2014).

Considerando esse contexto, podemos reafirmar que as identidades são construídas e reelaboradas no discurso, de acordo com cada realidade e com os interesses que estão em jogo, como muito bem ressaltou Hall (2009).

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas

específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma identidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2009, p.109).

Os meios discursivos, como já foram situados, buscam denegrir a imagem do indígena na região, já as produções artísticas buscam omitir a importância do indígena na formação histórica e identitária do Estado, como veremos na sequência.

#### 4. Os indígenas nos monumentos: disputas em torno da memória

Os monumentos evocam o passado de uma sociedade, no caso do estado de Roraima a disputa por esse passado é visualizada claramente. Raros são os monumentos que representam a figura do indígena<sup>6</sup>, e quando ele é representado é secundarizado.

Um dos monumentos que secundarizam o indígena na formação identitária roraimense é a obra ‘Monumento aos pioneiros’, esculpida em concreto pelo artista plástico Luiz Canará. O monumento é considerado um Cartão Postal da cidade. Ele foi construído na década de 90, como parte integrante do ‘Projeto Raízes’ (projeto que revitalizou o centro histórico de Boa Vista). Para Santos (2003), o monumento tentou representar a história de formação de Boa Vista (capital) e do Estado.

Um, é quando procura reproduzir o perfil do Monte Roraima, ponto mais elevado do Estado, marco de fronteiras entre Brasil, Venezuela e República Cooperativista da Guiana e, o outro, está no muro de arrimo, que procura lembrar o Forte São

---

<sup>6</sup> A representação dos povos indígenas na produção artística do estado está mais restrita a pintura em tela, nos trabalhos de artistas locais e no artesanato. Extrapolando o artesanato e as pinturas em tela, existem poucas obras que representam esses sujeitos. Existe no estado um grupo de artistas, de diferentes etnias indígenas de Roraima, (Amazoner Okaba, Bartô, Carmézia Emiliano, Isaías Miliano e Jaider Esbell) que vêm se articulando

Joaquim, construído pelos portugueses em 1775, na confluência dos rios Uraricoera e Tacutu, hoje em ruínas (SANTOS, 2003, p.74).

Os povos indígenas de Roraima, de modo geral, aparecem nos discursos como um elemento que não contribui para o 'progresso'. Um exemplo claro dessa representação de inferioridade do índio com os colonizadores do Estado pode ser visto no 'Monumento aos Pioneiros'. Essa obra, como observou Raimundo Nonato Gomes dos Santos (2003), é uma auto-representação histórica da elite local, que representa a sua relação de superioridade com relação aos povos indígenas.

IMAGEM 01: Monumento aos Pioneiros



**Fonte:** FAVRETO, Cristiane Bade. 'Monumento aos Pioneiros'. Data: 15/07/2014.

---

para dar visibilidade as suas obras (obras que dão destaque a riqueza das tradições indígenas). Desde 2.000, esse grupo está participando de eventos e edições de bienais em outros estados.

Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.  
Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - [revistasimbiotica@gmail.com](mailto:revistasimbiotica@gmail.com)

Na obra exposta podemos observar do lado esquerdo os seguintes elementos: a chegada de algumas famílias, uma canoa carregando uma família, algumas pessoas transportando seus pertences. No plano de fundo, o artista esculpiu elementos dos campos roraimenses e o Buriti, para representar a chegada dos colonizadores na região. O homem montado a cavalo sugere o predomínio do colonizador sobre o povo indígena, um símbolo que indica essa interpretação é a pata do cavalo sobre o ombro do Makunaima<sup>7</sup> (personagem esculpido em alto relevo). Atrás do Makunaima, o artista esculpiu um grupo de indígenas. Se observarmos bem a cena, notamos que o espaço destinado ao colonizador na obra é muito maior que o do indígena, elemento simbólico que sugere a dominação do colonizador na região.

Quanto ao contexto histórico de produção dessa obra, cabe situar a análise que Santos (2003) fez sobre o período. Em sua apreciação, o autor dá destaque ao momento conflituoso que Roraima vivenciava:

Entendemos que o momento em que foi produzida a obra é caracterizado pela relação entre a sociedade indígena e não-indígena construída ao longo da década de 1980 e os primeiros anos da década de 1990. Como sabemos, trata-se de uma época de tensão, período de organização dos povos indígenas para lutar pelos seus direitos, anos de resistência destes grupos na tentativa de rever direitos que estavam perdendo, momento que as autoridades locais e nacionais batem cabeça e são obrigadas a dar respostas não só a sociedade brasileira, mas ao mundo. Estava em pauta a demarcação das terras indígenas, a indenização e retirada de fazendeiros das áreas reivindicadas, a explosão de pistas de pouso e retirada de garimpeiros dos territórios indígenas. Foi um período em que muitas vidas foram consumidas ou ameaçadas na construção da história deste Estado. (...) Entretanto, vemos neste quadro os indígenas com sua presença direta numa imagem construída pela elite local em um momento bastante significativo, pois se trata de uma ocasião em que a sociedade roraimense se volta para o seu passado e procura se reconhecer na sua própria história, e na representação que produziu, a presença indígena está garantida de forma bastante concreta (SANTOS, 2003, p.74).

---

<sup>7</sup> Makunaima é uma personagem da mitologia indígena

Considerando o cenário de disputa pela memória, destacamos outra pesquisa que discutiu o mesmo tema no Estado. Elisangela Martins, em 2011, apresentou um trabalho sobre as disputas pela memória, focando a praça central de Boa Vista e seu entorno. No referido texto, indicou vários monumentos que foram alvos de disputas, dentre os quais destacamos o monumento ao garimpeiro<sup>8</sup>. “A inquietação daqueles que se consideravam pioneiros com a instalação do *Garimpeiro* demonstra o reconhecimento do Centro Cívico como um espaço que se constituiria como um palco para garantir a memória do que teria sido o início de Roraima” (Martins, 2011, p.5).

No Estado de Roraima, as famílias com expressiva força política e econômica sempre buscam a hegemonização do passado e do futuro. Historicamente, essa situação é comum, como destacou Tedesco:

Os poderosos hegemonomizam não só o passado, mas também o futuro: querem ser recordados e, para esse fim, erguem-se monumentos em lembrança de suas atividades, fazem-no de modo a que essas venham a ser lembradas, cantadas pelos poetas, eternizadas em monumentos e arquivadas (TEDESCO, 2004, p.79).

Outro monumento que busca fomentar o poder de um político na região é o busto<sup>9</sup> do ex-governador de Roraima Ottomar de Souza Pinto<sup>10</sup>, que fica localizado na parte frontal do quartel do Comando Geral (QCG) da polícia militar. Como o quartel representa, para uma sociedade, símbolo de força, a figura representa exatamente isso para as pessoas.

Constantemente essa figura política é homenageada nos órgãos públicos. Uma dessas homenagens foi o hospital inaugurado em março de 2014 no município de Rorainópolis, que

---

<sup>8</sup> O monumento ao garimpeiro é uma estátua localizada na Praça do centro Cívico. A obra foi inaugurada em fins na década de 60 para homenagear os garimpeiros da região. É importante destacar que o garimpo não era uma atividade econômica muito forte nesse período.

<sup>9</sup> Ele foi inaugurado na ocasião em que a Polícia Militar de Roraima completou 34 anos de criação (26 de novembro de 2007) (FOLHA DE BOA VISTA, 07/11/2009). Nessa ocasião, o local passou a se chamar ‘Quartel de Comando Geral Governador Ottomar de Souza Pinto’.

<sup>10</sup> Sobre sua trajetória política cabe ressaltar que de 1979 a 1983 foi nomeado governador do então Território Federal de Roraima. De 1986 a 1990 foi deputado federal. Ottomar foi o primeiro governador eleito do Estado de Roraima (gestão 1991-1994). Em 1996 foi prefeito de Boa Vista. Em 2004 substituiu o então governador Francisco Flamarion Portela, cassado por crime eleitoral em sua campanha de 2002. Em 2006 ele é reeleito, falecendo em 2007 (FOLHA DE SÃO PAULO, 11/12/2007).

fica no sul do Estado. Esse local passou a se chamar Hospital Regional Sul Ottomar de Souza Pinto. Essa exaltação, dada tanto a Ottomar como a outros colonizadores da região, tende a ocultar outros sujeitos que contribuíram para a formação identitária.

Grande parte da produção de monumentos que trata da constituição identitária de Roraima é constituída por diversas construções e exaltações ao ‘pioneirismo’ do colonizador – em especial das famílias que governaram o estado ou tiveram grande poder econômico. Tal orientação, por outro lado, minimiza, secundariza ou silencia outros sujeitos e práticas, dentre as quais destacamos a presença do índio. Em termos da escrita da história e produção monumental, ao ser dada ênfase à última ocupação como a fase do progresso, da civilização e da incorporação ao estado nacional e ao mercado, enaltecendo os desbravadores das matas, o passado é tratado de modo superficial.

É importante lembrar que os monumentos não possuem um sentido original e uma linguagem única. Eles ganharam múltiplos significados no curso de sua existência. No entanto, eles são usados para perpetuar poder.

Ao mesmo tempo em que muitos patrimônios são valorizados, em virtude do prestígio que propiciam a alguns grupos sociais no Estado, também podem ser identificados diversos patrimônios em estado de abandono, devido ao descaso do poder público e descuido da sociedade civil<sup>11</sup>.

Como podemos acompanhar existem claramente práticas do mecenato<sup>12</sup> em nosso Estado – ‘Monumento aos Pioneiros’, encomendado e construído para simbolizar o domínio das famílias que estavam no poder político; construções de busto e hospitais para legitimar o poder de algumas famílias locais –, muito próximo do que Caius Cilnius Mecenas fez na

---

<sup>11</sup> Cf. BARBOSA, Maria Aparecida Ferreira; FALCÃO, Márcia Teixeira; SILVA, Georgia Patrícia da. **O caso e o descaso o patrimônio cultural da cidade de Boa Vista-RR**. CULTUR - Revista de Cultura e Turismo, ano 05 - nº 02 - Ago/2011. p. 61-75.

<sup>12</sup> Mecenato é uma atividade de incentivo, apoio e amparo a produção artística e científica. Ela teve início na antiguidade com Caius Cilnius Mecenas e intensificou-se no renascimento, com um amplo movimento de revalorização das artes pelas famílias aristocráticas, ricos mercadores e membros do clero como forma de expressão de seu status junto à sociedade.

antiguidade, ministro do imperador Caio Julio Augusto, para construir uma política de relacionamento entre governo e sociedade, procurando usar a arte para legitimar o seu poder.

Para termos uma ideia clara de como a cultura indígena não é valorizada na região, destacamos os bens culturais tombados (de natureza material) pela prefeitura municipal de Boa Vista:

**TABELA 01** - Bem materiais tombados pela prefeitura municipal

Colégio Euclides da Cunha (confluência das ruas Inácio Magalhães e Bento Brasil)
Prédio residencial e comercial (avenida Jaime Brasil, nº 142 – Centro)
Casa das 12 Portas (avenida Jaime Brasil, nº 115 – Centro)
Prédio residencial (avenida Jaime Brasil, nº 89 – Centro)
Antiga Bandeirante (avenida Jaime Brasil, nº 71 – Centro)
Depósito Bandeirante (travessa Floriano Peixoto, no trecho da avenida Jaime Brasil ao Mercado do Peixe)
Fábrica de Gelo (travessa Floriano Peixoto, no trecho da avenida Jaime Brasil ao Mercado do Peixe)
Incra (travessa Floriano Peixoto, no trecho da avenida Jaime Brasil ao Mercado do Peixe)
Secretaria Municipal de Educação (travessa Floriano Peixoto, no trecho da avenida Jaime Brasil ao Mercado do Peixe)
Centro de Artesanato (travessa Floriano Peixoto, no trecho da avenida Jaime Brasil ao Mercado do Peixe)
Muro do Mercado na rua Floriano Peixoto (da avenida Jaime Brasil ao Porto de Cimento)
Prédio comercial - Meu Cantinho (rua Floriano Peixoto, nº 22 – Centro)
Prédio residencial (rua Floriano Peixoto, nº 34 – Centro)
Prédio residencial (rua Barreto Leite, nº 101 – Centro)
Prédio comercial (rua Barreto Leite, nº 11 – Centro)
Prédio residencial (rua Barreto Leite, nº 95 – Centro)
Prédio residencial (rua Barreto Leite, nº 29 – Centro)
Prédio residencial (rua Barreto Leite, nº 19 – Centro)
Igreja de Nossa Senhora do Carmo (rua Floriano Peixoto, s/n – Centro)
Igreja de São Francisco das Chagas (avenida Capitão Júlio Bezerra com avenida Major Williams – São Francisco)
Prédio comercial (avenida Capitão Júlio Bezerra, nº 697 – São Francisco)
Prédio comercial (rua Bento Brasil, nº 72 – Centro)
Hotel Euzébio's (rua Cecília Brasil, nº 1517 – Centro)
Prelazia (rua Bento Brasil, s/n – Centro)

Escola São José (rua Floriano Peixoto, nº 251 – Centro)
Associação Comercial de Roraima (avenida Jaime Brasil, nº 221 – Centro)
Igreja de São Pedro (rua Miguel Luppe Martins, nº 360 – São Pedro)
Catedral Cristo Redentor (Praça do Centro Cívico s/n - Centro)
União Operária Beneficente (avenida Nossa Senhora da Consolata com rua Alfredo Cruz)

**Fonte:** FETEC. Inventário do Patrimônio Cultural de Boa Vista. Boa Vista: Gráfica Lóris, 2011, p. 66-67.

A listagem deixa claro que grande parte dos bens tombados, exceto o Centro de Artesanato, evoca a memória dos colonizadores não indígenas. Tampouco observamos interesse da sociedade civil e política em listar os bens imateriais do Estado que evoquem as tradições indígenas.

Considerando as representações artísticas e monumentos citados ao longo dessa seção, notamos que o indígena é um personagem secundário, por vezes silenciado, na história de Roraima. Acreditamos, desse modo, que essa falta de valorização das tradições indígenas, faz parte do projeto de uma Elite local que busca excluir o indígena da história oficial do Estado.

## 5. Considerações finais

A memória e a identidade de uma população se exteriorizam em objetos e fora deles. O estudo do patrimônio cultural, desse modo, nos forneceu um embasamento de como as formações identitárias se estabeleceram no Estado.

As disputas pela memória e identidade, como vimos ao longo do texto, se dão em diferentes níveis. Os conflitos por esse campo se tornam cada vez mais visíveis aqui no Estado, em especial, a disputa via níveis discursivos. A memória patrimonial, portanto, é uma construção social como afirmou Tedesco (2004):

Entendemos ser a memória patrimonial uma construção social, da qual se disputam seus enunciados discursivos, sua atribuição de valor, suas práticas, que assegurem sua preservação e inviolabilidade. Existe um campo de disputas por significados e pela legitimação e hegemonia do mesmo inserido num campo entre classes, etnias e grupos em luta material e simbólica (TEDESCO, 2004, p. 75-76).

Acompanhamos ao longo do texto que são raras as vezes em que os povos indígenas de Roraima são representados nos monumentos. As famílias com um expressivo poder econômico e político no Estado, através dos diferentes espaços de comunicação, buscam mostrar seu domínio sobre a cultura indígena. Faz-se necessária, portanto, como desafio acadêmico, uma discussão mais ampliada dos diferentes projetos da elite local que buscam reafirmar constantemente a sua superioridade na história local, a custo do silenciamento de outras culturas.

## 6. Referências

BAKHTIN, Mikhail (2006). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec.

BARBOSA, Maria Aparecida Ferreira; FALCÃO, Márcia Teixeira; SILVA, Georgia Patrícia da (2011). *O caso e o descaso o patrimônio cultural da cidade de Boa Vista-RR*. CULTUR - Revista de Cultura e Turismo, ano 05 - nº 02 - Ago. p.61-75.

CIPRIANO, Priscila Delarmelina Salvat (2014). *O preconceito étnico no processo de formação identitário do indígena urbano de Boa Vista-Roraima*. Monografia (graduação) – Universidade Federal de Roraima, Curso de Psicologia. Boa Vista. 68 p.

FOLHA DE BOA VISTA (2009). *Polícia militar promoveu 176 oficiais e praças*. Ano XXXIV. Edição 5572. 07/11/2009. Disponível em: [http://www.folhabv.com.br/Noticia\\_Impressa.php?id=73816](http://www.folhabv.com.br/Noticia_Impressa.php?id=73816). Acesso em 15 /05/2014.

FOLHA DE SÃO PAULO (2007). *Saiba mais sobre Ottomar de Sousa Pinto*. Folha online 11/12/2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2007/12/353864-saiba-mais-sobre-ottomar-de-sousa-pinto.shtml>. Acesso em 15/05/2014.

FOLHA WEB (2014). *Indígenas dormem em frente a bar no bairro São Vicente*. Folha online 13/01/2014. Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/noticia.php?id=163671>. Acesso em 07/06/2014.

FREITAS, Marcos Antonio Braga de (2011). **O Instituto Insikiran da Universidade Federal de Roraima: trajetória das políticas para a educação superior indígena**. Estudos R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 92, n. 232, p. 599-615, set./dez.

FUNDAÇÃO DE EDUCAÇÃO, TURISMO, ESPORTE E CULTURA DE BOA VISTA – FETEC (2011). **Inventário do patrimônio cultural de Boa Vista**. Boa Vista: Gráfica Lóris.

HALL, Stuart (2009). Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG. p.232- 247.

MARTINS, Elisangela (2011). **Memórias de disputas e disputas pela memória na praça central de Boa Vista**, RR. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de (2003). **A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima**. Tese de doutorado. São Paulo. Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. 378p.

OLIVEIRA, Valéria (2014). **Segundo dia da festa de carnaval em Boa Vista foi tranquilo, diz PM Valéria Oliveira**. G1 – Roraima: Notícias e vídeos da Rede Amazônica. 02/03/2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2014/03/segundo-dia-da-festa-de-carnaval-em-boa-vista-foi-tranquilo-diz-pm.html>. Acesso em 15/03/2014.

PELEGRINI, Sandra C. A (2007). O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas. **Patrimônio e memória**. Assis:Unesp/CEDAP.

SANTOS, Raimundo Nonato Gomes dos (2003). **Roraima: a construção de identidades políticas indígenas e não indígenas no final do século XX**. Dissertação de mestrado, UFRJ/IFCS/PPGHIS, 180p.

SILVEIRA, Isolda Maciel; GATTI, Marcelo (1988). **Notas sobre a ocupação de Roraima, migração e colonização**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, v. 4, n. 1, p.43-66, jul.

SOUZA, Carla Monteiro de (2001). **Gaúchos em Roraima**. Porto Alegre: EDIPUCRS.

TEDESCO, João Carlos (2004). **Nas Cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF.